

# A pastoral missionária a partir da comunidade local

de Stefano Raschiatti, sx<sup>1</sup>

1. O tema que me foi confiado, “Pastoral missionária a partir da comunidade local”, necessita, em primeiro lugar, de um esclarecimento conceitual. Nenhum dos documentos das Conferências Episcopais Latino-americanas fala de “pastoral missionária”, a não ser uma única vez na Mensagem final de Santo Domingo, onde se afirma que “a Nova Evangelização intensificará uma *pastoral missionária* em todas as nossas Igrejas e far-nos-á sentir responsáveis por transpor as nossas fronteiras a fim de levar a outros povos a fé que há 500 anos chegou até nós” (Mensagem Final de Santo Domingo, 33). Nos documentos do Vaticano II também nunca é citada a “pastoral missionária”, a não ser uma única vez no Decreto *Ad Gentes*, ao falar das funções e da organização interna do Dicastério de *Propaganda Fide*.

2. Em nenhum outro documento missionário do magistério pontifício aparece o termo “pastoral missionária”, a não ser duas vezes na *Redemptoris Missio* (RMi 65; 75), onde se fala dos “agentes” da “pastoral missionária”. Aqui por “pastoral missionária” entende-se “animação missionária”, também “formação” e “cooperação missionária”. Os conceitos se cruzam no mesmo texto com uma certa imprecisão. Com efeito, não querem dizer a mesma coisa. Contudo, podemos facilmente deduzir que o termo “pastoral missionária” refere-se ao conjunto de ações – informação, formação, animação, cooperação e articulação – que, segundo a *Cooperatio Missionalis*, se dirigem a “formar o povo de Deus para a missão universal ‘específica’, suscitar boas e numerosas vocações missionárias, promovendo toda forma de cooperação na evangelização” (CM 2). Mas também a *Cooperatio Missionalis* evita de falar de “pastoral missionária”, expressão que não aparece nenhuma vez no documento.

## O que entendemos por pastoral missionária?

3. Essa breve indagação mostra a escassez de referências nos documentos do magistério, e nos revela talvez a impropriedade do uso desse conceito de “pastoral missionária” e sua aplicação, às vezes equivocada, na prática evangelizadora. Quando chegamos às comunidades locais com a proposta da animação missionária, há logo uma certa resistência: “mais uma pastoral!”. Pois não se trata essencialmente de uma nova pastoral. Talvez é uma nova maneira de fazer pastoral. Toda pastoral da Igreja há de ser missionária: teria aqui uma contradição em chamar uma pastoral de missionária, enquanto às outras não seriam “missionárias”?

4. Evidente também que, do ponto de vista da perspectiva e da dinâmica, as palavras “pastoral” e “missionária” indicam tensões diferentes e quase opostas. Uma indica preservação, “cuidado com os fieis” (RMi 34); a outra, abertura, envio ao diferente que não pertence ao rebanho cristão. Por este motivo a palavra “pastoral” teria sido quase abandonada por algumas igrejas, sendo substituída por “ação evangelizadora”, apontando a um comprometimento mais decidido com a missão *ad extra* dos âmbitos eclesiais.

---

<sup>1</sup> Stefano Raschiatti, sx, é missionário italiano há 17 anos no Brasil. É mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, assessor do Conselho Missionário Nacional da CNBB e membro da equipe do Centro Cultural Missionário de Curitiba, PR, Brasil.

5. Como devemos entender, portanto, o convite a refletirmos sobre “pastoral missionária” e seu significado para as nossas comunidades locais? Por trás das palavras e de seus sentidos esconde-se o profundo anseio da Igreja em redescobrir sua essencialidade missionária (cf. AG 2) diante dos desafios do mundo de hoje. Eles podem ser percebidos de maneiras diferentes, às vezes de maneira fragmentária. Mas em comum entre as várias visões há uma certa sensação de mal-estar diante da perda referencial da Igreja católica nas sociedades latino-americanas.

6. Se prestarmos bem atenção, esse é o mesmo anseio que deu vida ao Concílio Vaticano II. Já na época via-se os alvares, as promessas e as fragilidades de um mundo globalizado (isso é muito claro, por exemplo, relendo LG 1). João XXIII percebia o desnível no qual se encontrava a Igreja diante do mundo moderno, e decretava, de forma sutil mas decidida, o fim de uma “cristandade” segregada e fechada em si mesma. Ao convocar um concílio de índole singelamente pastoral e missionária, ele traça dois grandes eixos sobre os quais deviam tomar forma os trabalhos: o primeiro, o eixo *ad intra* sobre a realidade e a *natureza* da Igreja “qual ela é”; o segundo, o eixo *ad extra* sobre a *missão* da Igreja diante “as exigências e as necessidades dos povos”.

### **Conversão radical de mentalidade**

7. A Conferência de Aparecida, propondo em seu lema o nexos discípulos-missionários, diz praticamente a mesma coisa: redescoberta e renovação da identidade eclesial cristã, e retomada decidida de sua missão redentora no mundo. Em sua introdução, o Documento de Aparecida até parece lembrar alguns temas da alocução de abertura do Vaticano II proferida por João XXIII.<sup>2</sup> Nesse sentido, a partir de uma intuição profundamente missionária, a Igreja na América Latina é chamada a repensar a si mesma e à sua missão no mundo. A missão provoca a Igreja para uma conversão profunda. Eis então que, finalmente, a Conferência de Aparecida almeja para uma “pastoral decididamente missionária”:

“La conversión pastoral de nuestras comunidades exige que se pase de una pastoral de mera conservación a una pastoral decididamente misionera. Así será posible que “el único programa del Evangelio siga introduciéndose en la historia de cada comunidad eclesial” (NMI 12) con nuevo ardor misionero, haciendo que la Iglesia se manifieste como una madre que sale al encuentro, una casa acogedora, una escuela permanente de comunión misionera” (DA 370).

8. Essa é a única vez que o documento fala de pastoral missionária, quase referendo-se àquela “conversão radical de mentalidade” da qual já falava a *Redemptoris Missio*.<sup>3</sup> A missionariedade que

---

<sup>2</sup> “La Iglesia está llamada a repensar profundamente y relanzar con fidelidad y audacia su misión en las nuevas circunstancias latinoamericanas y mundiales. No puede replegarse frente a quienes sólo ven confusión, peligros y amenazas o de quienes pretender cubrir la variedad y complejidad de situaciones con una capa de ideologismos gastados o de agresiones irresponsables. (...) No resistiría a los embates del tiempo una fe católica reducida a bagaje, a elenco de algunas normas y prohibiciones, a prácticas de devoción fragmentadas, a adhesiones selectivas y parciales de las verdades de la fe, a una participación ocasional en algunos sacramentos, a la repetición de principios doctrinales, a moralismos blandos o crispados que no convierten la vida de los bautizados. Nuestra mayor amenaza es el gris pragmatismo de la vida cotidiana de la Iglesia en el cual aparentemente todo procede con normalidad, pero en realidad la fe se va desgastando y degenerando en mezquindad. A todos nos toca recomenzar desde Cristo, reconociendo que ‘no se comienza a ser cristiano por una decisión ética o una gran idea, sino por el encuentro con un acontecimiento, con una Persona, que da un nuevo horizonte a la vida y, con ello, una orientación decisiva’ (DCE 1)” (DA 11-12).

<sup>3</sup> “A ação evangelizadora da comunidade cristã, primeiramente no próprio território e depois, mais além, como participação na missão universal, é o sinal mais claro da maturidade da fé. Impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários — e isto vale tanto para os indivíduos como para as comunidades” (RMi 49).

a Conferência de Aparecida propõe parece, a um certo ponto, mais *ad gentes* que voltada à própria Nova Evangelização:

“La Diócesis, en todas sus comunidades y estructuras, está llamada a ser una ‘comunidad misionera’. Cada Diócesis necesita robustecer su conciencia misionera, saliendo al encuentro de *quienes aún no creen en Cristo* en el ámbito de su propio territorio y responder adecuadamente a los grandes problemas de la sociedad en la cual está inserta. Pero también, con espíritu materno, está llamada a salir en búsqueda de todos los bautizados que no participan en la vida de las comunidades cristianas” (DA 168).

9. Com efeito, de acordo com Puebla, o processo derivante do dinamismo evangelizador da Igreja, prevê as seguintes etapas: testemunho, anúncio, conversão, ingresso à comunidade e envio em missão (P 356 – 361). Podemos dizer que sem o envio *ad gentes* não se conclui a evangelização de uma comunidade. O próprio processo de conversão ao Evangelho das pessoas/comunidades subiria uma perigosa estagnação. Em seguida, o Documento de Puebla indica dois aspectos fundamentais da evangelização: primeiro, *tem de calar fundo* no coração das pessoas e dos povos [ad intra]; segundo, há de *estender-se* a todos os povos [ad extra]. Profundidade e extensão: “ambos estes aspectos são de atualidade para evangelizar hoje e amanhã a América Latina” (P 362).

### O coração da Igreja

10. A missão revela-se como o ponto onde converge todo o sentido de ser cristão e de ser da Igreja, toda sua essência e identidade (cf. AG 2). A própria comunhão tem sentido em vista da missão e vice-versa (cf. DA 163). Comunhão e missão equivalem ao pulsar do coração da Igreja num movimento de sístole e diástole, de dilatação e contração, correspondente ao enchimento do coração com o sangue proveniente das veias e ao envio do sangue para os vasos sanguíneos através das artérias. Ora, se algo obstruir o fluxo e o coração não receber mais sangue, acontece uma necrose no órgão por falta de oxigênio. Por outro lado, se houver uma esclerose em uma das artérias que escoam o sangue, produz-se em algum lugar do percurso uma hemorragia fatal para o organismo. Em ambos os casos, temos o tão temido infarto por isquemia ou por hemorragia.

11. Da mesma forma, a comunidade cristã, que vive da linfa divina dos sacramentos e da Palavra, é chamada a ser enviada ao mundo para anunciar o Evangelho e a salvação em Jesus Cristo. Se algo obstruir o fluxo da Graça na captação dos sinais dos tempos e na aproximação à Palavra, no seu processo de interiorização, na ação litúrgica, na oração, na vida comunitária, o coração da Igreja resseca e não tem mais nada para anunciar. Por sua vez, se não fluírem os dons recebidos de Deus em benefício do mundo, é porque a Igreja endureceu, esclerosou, paralisou o fluxo vital. Assim, a Igreja explode e o sangue derrama por toda a parte. Afinal, a *pressão* da Graça é *de graça* mesmo, é um fluxo vital que não espera por ninguém.

12. Olhando para a nossa realidade eclesial, podemos perceber que, às vezes, temos generosas comunidades que se dizem missionárias, mas que de fato estão ressecadas, sem conteúdo e sem energias: não rezam, não refletem, não têm uma vida em comum, não têm discípulos. Por outro lado, existem comunidades esclerosadas que, de tão fechadas sobre si mesmas, explodem em brigas internas ou, na maioria das vezes, assistem impotentes ao êxodo de seus membros. O fluxo do sangue aponta sempre para o benefício geral do organismo. O coração abastece-se apenas com uma mínima parte desse fluxo, que irriga um sistema autônomo de circulação. Da mesma forma, a Igreja é chamada a doar o sangue para a vida do mundo e abastecer-se dele com uma mínima parte. A Igreja, como diria Dietrich Bonhoeffer, é Igreja somente “se existe para os outros”: é a única sociedade do mundo que existe em benefício daqueles que não são membros dela.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. BOSCH, D. *A missão transformadora.*, p. 519

## Paróquias missionárias?

13. Até aqui entendemos a pastoral missionária como uma dimensão essencial, global, profunda e orgânica, que envolve a Igreja como um todo e que faz parte do processo de evangelização das pessoas e das comunidades. Nesse sentido a Igreja na comunidade local ou é missionária ou não é Igreja. O seu ser missionária se realiza por meio de projetos comunitários que:

- enxergam a realidade do mundo e das pessoas com os olhos de Deus, rezando para que o Dono da messe envie operários (cf. Mt 9, 36-38);
- contam com a disponibilidade de *todo* Povo de Deus discípulo e missionário, chamado *para* ser enviado em missão em comunidade, por meio de uma organização participativa e descentralizada (cf. Mt 10,1-4);
- definem os objetivos em torno do anúncio essencial e de destinatários específicos: o que quer dizer para nós hoje que “o Reino de Deus está próximo” (Mt 10,7)? Quem são para nós “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,5-6)?
- escolhem caminhos de serviço à vida; linhas de ação de luta contra o mal; metodologias missionárias de ir ao encontro dos outros, tornando-se hóspedes na casa deles; atitudes básicas diante das inevitáveis perseguições (cf. Mt 10,8-23);
- procuram os meios necessários para alcançar metas e objetivos, sabendo valorizar e capacitar ao máximo os recursos humanos (cf. Mt 10,31), mantendo simplicidade e agilidade com os recursos estruturais (cf. Mt 10,11), dando um testemunho de austeridade, essencialidade, criatividade e justiça através dos recursos financeiros (cf. Mt 10,8b-10).

14. Dai decorrem sucessivos planejamentos e encaminhamento em nível diocesano, paroquial e comunitário. Mas a missão é fundamentalmente uma questão de coração, não de receitas e nem de estruturas. Fala-se, por exemplo, de “**renovação missionária das paróquias**” (cf. DA 173). Isso mais parece uma *contraditio in terminis* que uma afirmação ou um desejo. Com efeito, a paróquia nunca foi propriamente missionária e nem nasceu para ser missionária.<sup>5</sup> Não é por acaso que em seus documentos principais, como a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*, o Vaticano II nunca fala de paróquia. A doutrina conciliar não está interessada em falar da instituição, porque a instituição não pode ser nem evangélica e nem missionária (que é a mesmíssima coisa). Ao contrário, para indicar a igreja visível, o Concílio usa a palavra “comunidade”. A comunidade é feita de pessoas e de relações. As pessoas têm coração, as estruturas não têm.

15. Se pensarmos à Igreja como uma estrutura, pode significar o fim da missão: uma coisa estática, burocrática, sem alma nenhuma, que cumpre apenas com suas obrigações. A instituição é o túmulo do Evangelho e da missão. Se imaginarmos a Igreja como mistério, corpo místico, sacramento universal de salvação, povo de Deus a caminho, comunidade viva, feita de *peças* convertidas, serviçal e aberta a todos, então há possibilidade de falar de “paróquia missionária”.

---

<sup>5</sup> “Colpisce leggere questa considerazione del teologo Severino Dianich: ‘La struttura parrocchiale ha sempre accolto credenti, ai quali la fede era già stata comunicata e ai quali la parrocchia doveva garantire la catechesi e i sacramenti. E’ paradossale, ma è vero, il fatto che lungo la sua storia la parrocchia non sia mai stata investita del problema dell’accesso alla fede dei non credenti. E’ veramente un paradosso, ma è difficile smentirlo’”. ORLANDONI, Mons. Giuseppe. *Il volto missionario della parrocchia. Linee programmatiche per l’anno pastorale 2004-2005*. In: <http://www.diocesi-senigallia.it/documentiword/IL%20VOLTO%20MISSIONARIO%20DELLA%20PARROCCHIA.doc>. Acesso em 15 de julho de 2007.

16. Se a paróquia for apenas o pároco, como queria o Concílio de Trento no século XVI, não há qualquer possibilidade de missão à vista: terá apenas exercício da autoridade, que não diz nada em relação à essência divina<sup>6</sup>. Na Trindade, com efeito, não há hierarquia entre as pessoas, mas somente amor. A missão nasce do amor e não da autoridade: a missão é caridade, relações fraternas e verdadeiras, simétricas e dialógicas, estendidas a todos, sem excluir ninguém. Jesus não fundou a hierarquia: constituiu a Igreja, projeto do Pai para a humanidade, comunidade de irmãos e irmãs, Povo de Deus que anuncia o Evangelho e que luta para que o mundo se torne uma só família.

17. Essa transformação de mentalidade necessita de processos pedagógicos de amadurecimento e de conversão mais ou menos prolongados. As pessoas, as comunidades, os agentes de pastoral – incluídos religiosos/as, padres e bispos – não precisam serem “instruídos” mas acompanhados através de caminhos envolventes e participativos de crescimento que apontam para progressivas aberturas missionárias. Precisa tornar-se novamente e permanentemente discípulos para converter-se em missionários.

### A tarefa da animação missionária

18. Em toda essa busca global de renovação da Igreja latino-americana – e mundial – em tornar-se sempre mais discípula e missionária, um papel especial é exercido pela animação missionária propriamente dita, ou se quisermos, da “pastoral missionária” segundo a *Redemptoris Missio* e a *Coooperatio Missionalis*. Nesta sede, e em vista do CAM3 – Comla 8, a contribuição específica dos organismos missionários *ad gentes* à Missão Continental apontada em Aparecida, é exatamente a de animar as comunidades a assumir a dimensão universal da missão, “formando uma consciência e uma mentalidade missionária orientada *ad gentes*” (CM 2). Deve-se fazer isso de maneira encarnada e sensata, participando ativamente da renovação missionária de nossas Igrejas na sua globalidade, mas ao mesmo tempo tendo bem firme e claro certos papéis e objetivos, de modo que a dimensão universal da missão, o aspecto fundamental de extensão *ad extra* e a tarefa primordial da missão *ad gentes* não “se torne numa realidade diluída na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida” (RMi 34).

19. Na eleição da Igreja local como sujeito da missão (cf. LG 26), o Vaticano II se refere a ela não apenas como protagonista da missão contextual, e sim também da missão universal. O adjetivo local não significa uma restrição da universalidade, mas indica o lugar no qual a universalidade deve concretamente mostrar-se:

“Como o Povo de Deus vive em comunidades, sobretudo diocesanas e paroquiais, e é nelas que, de certo modo, se torna visível, pertence a estas dar também testemunho de Cristo perante as nações. A graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros” (AG 37).

20. Contudo, a tentação é sempre aquela da comunidade local esquecer desse compromisso e pensar somente em si. No documento de síntese dos aportes para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, o *instrumentum laboris* de Aparecida, nunca se fala de missão *ad gentes*. No documento final há uma sessão dedicada à missão *ad gentes*, mas pouco contundente se a comparamos com Santo Domingo e, sobretudo, com Puebla (cf. DA 373 – 379). Poucas outras vezes encontra-se no documento a dimensão universal da missão (cf. DA 99d; 380; 474a; 548). Nunca se fala dos outros continentes.

---

<sup>6</sup> A esse respeito o Documento de Aparecida **apresentado a S.S. Bento XVI** foi bastante enfático em lamentar um certo clericalismo atual (cf. DA 109).

21. Tarefa da animação missionária nas comunidades locais é propor a dimensão universal da missão como cerne da vida cristã, não apenas porque “sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação” (RM 34), mas sobretudo enquanto eixo essencial do Evangelho e compromisso primordial de toda comunidade eclesial. Essa universalidade deve se articular criativamente com a missão contextual, da mesma forma que o aspecto do discipulado está profundamente unido com o da missão. Desta forma teremos não dois, mas quatro elementos articulados em dois eixos: discípulos – missionários, como eixo dinâmico *ad intra* de caminhada/conversão pessoal e comunitária; contextualidade – universalidade, a indicar a extensão *ad extra*, os âmbitos nos quais essa missão deve essencialmente se expressar. Esses quatro aspectos podem ser entendidos como pontos cardeais para uma teologia e uma espiritualidade da missão, como também as coordenadas para uma pastoral missionária a partir da comunidade local. Aparecida trabalhou bem o primeiro eixo. Agora falta trabalhar o segundo: poderia essa ser uma tarefa do CAM 3 – Comla 8?

### Pistas de ação

22. Para colocar na pauta das comunidades eclesiais o elemento fundante da universalidade é necessário, antes de mais nada, de processos participativos amplos, pois a animação missionária não pode apresentar-se como uma “pastoral” que se soma a outras pastorais, ou como a Cinderela das pastorais, mas como elemento central que perpassa todos os movimentos, associações e pastorais (cf. RM 83). A partir desta premissa, é preciso elaborar um projeto, encontrando caminhos viáveis e propostas pedagógicas pastorais capazes de envolver as comunidades locais de maneira simples e acessível, num crescimento e num comprometimento afetivo e efetivo com a missão além-fronteiras. Essas tarefas podem constituir não apenas uma pauta específica que mira abrir os horizontes e o coração de nossas Igrejas ao mundo inteiro, como também podem tornar-se propostas de ação para a Nova Evangelização, para a Pastoral de Conjunto e para a animação global da vida de nossas comunidades.

23. Em primeiro lugar, precisa incentivar a ver o mundo todo, através uma *informação missionária* como *informação alternativa* em relação aos problemas da humanidade inteira, de cada povo e de cada igreja. Não se ama o que não se conhece, e não se conhece o que não é despertado por uma paixão. Se é verdade, pois, que a missão é, por excelência, “comunicação”, e que somos chamados a comunicar esta paixão de coração pelo Reino, além de todas as fronteiras, precisamos assumir um compromisso mais sério com os meios de comunicação, com o investimento em pessoas, estruturas e organização, com a produção e divulgação da imprensa missionária, educando o nosso povo ao *hábito da leitura*, incentivando uma informação e comunicação aberta ao mundo, que favoreça o conhecimento das realidades internacionais e que faça surgir laços sempre mais fraternos com outros povos, em vista da construção de um mundo mais justo e solidário.

24. Em segundo lugar, precisamos fomentar a formação missionária para uma maior reflexão e para um maior crescimento na fé e na ação de nossas comunidades no mundo. A formação dos discípulos missionários é uma opção clara e decidida da Conferência de Aparecida (cf. DA 276) e a dimensão universal da missão não pode ficar de fora desse processo. De um lado, é preciso multiplicar os cursos de missiologia, em diversos níveis a partir da formação presbiteral (cf. DA 323). Uma boa teoria é etapa fundamental de uma boa prática missionária, da mesma forma que a elaboração de um projeto é o primeiro passo para a construção de um edifício. Por outro lado, devemos chegar a uma reflexão missiológica sempre a partir de nossas experiências significativas, visando nossas práticas missionárias, transformando continuamente nossas posturas e convertendo nosso coração.

25. “Sejam sempre capazes de sentir profundamente qualquer injustiça praticada contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Essa é a qualidade mais linda de um revolucionário”. Assim Ernesto Che Guevara despedia-se dos filhos em sua última carta antes de ser morto na Bolívia. O discípulo missionário de Jesus teria mais motivos ainda para tornar próprias estas palavras: todas as angústias do mundo são suas angústias, todas as alegrias são suas alegrias, todos os sonhos são os seus sonhos. Hoje, o cristão é chamado, por vocação, mais do que qualquer outra pessoa, a ser universal, ou seja, uma pessoa que tem responsabilidade não só sobre si e sua comunidade, mas sobre o mundo inteiro através de suas opções, suas atitudes, sua consciência e seus compromissos. Numa época de globalização como a nossa, não é mais possível pensarmos em termos paroquiais, regionais, nacionais ou continentais: são pequenos demais. Se houver salvação, será uma salvação para a humanidade toda. Se houver *paz, justiça, fraternidade, vida plena para todos*, será em termos planetários ou não será.

26. É preciso, portanto, educar a uma espiritualidade universal. Muitas vezes lembra-se aos cristãos que eles são missionários pelo batismo e por sua própria vocação (cf. DA 284 – 285; 377), mas não se recorda, com o mesmo ânimo, que são *universais*, “católicos”, e que têm compromissos com o mundo inteiro. Sem essa característica se *desvirtua completamente o ser missionário*. A paixão pelo mundo, própria da vocação cristã, se expressa no sentir e no vibrar profundamente pela humanidade inteira, e em ser capaz de realizar gestos simples, ousados e concretos de solidariedade e de partilha com os outros povos. Em outras palavras, “pensar mundialmente e agir localmente”. Só assim nos tornaremos um sinal profético de uma nova humanidade mundial, fraterna e multicultural.

27. Uma terceira tarefa é, propriamente, a animação missionária. Da mesma forma que realizamos o CAM 3 – Comla 8 podemos multiplicar esses eventos pelos nossos países afora, nas diversas regiões, dioceses e paróquias. Não faltam também oportunidades no decorrer do Ano Litúrgico para aproveitar datas importantes, para promover iniciativas, tais como gincanas, concursos, festivais, vigílias, congressos, eventos, quermesses, exposições, conferências, testemunhos missionários, etc. Nossos povos vivem de festas populares. Desta maneira poderemos oferecer ocasiões para sensibilizar-se e conscientizar-se para a causa missionária, que é a causa do Reino, de uma maneira simples, atrativa, dinâmica.

28. Uma quarta tarefa é a cooperação missionária. Toda informação, formação e animação deve chegar a um compromisso concreto de *solidariedade* com outros povos e outras Igrejas, por gestos de Fé (oração), Amor (partilha dos bens) e Esperança (dom da vida). O surgimento de projetos missionários com a Amazônia, com a África, e os projetos *Igrejas Irmãs* vão nesta direção de doação e de extensão da caridade até os confins do mundo. Precisamos, porém, incentivar práticas mais quotidianas e regulares, como o dizimo missionário, as campanhas missionárias, as recitações do Rosário Missionário e uma animação vocacional que aponte para um engajamento ousado, na dimensão universal da Missão, dirigida a diferentes e específicos sujeitos, como as famílias, os jovens, as crianças, os idosos/as, os presbíteros, os religiosos/as, os leigos/as.

29. Particularmente, quando falamos de cooperação missionária, a animação vocacional merece mesmo um destaque. É quanto mais necessário mostrar aos nossos jovens a beleza evangelica e radical da vocação missionária. *Descobrir* que a vida pode ser a serviço de uma missão mundial, *transformar* a vida numa missão universal e *doar* a vida para a missão além-fronteiras, pode levar todo o povo de Deus a sair do torpor da acomodação e do puro louvor para um protagonismo efetivo, profético e planetário. Neste sentido, a animação missionária é chamada a ser uma animação vocacional ao jeito de Jesus: o Mestre não espera, mas vai lá onde as pessoas se encontram. É preciso entender que, se missão significa *fazer discípulos* (cf. Mt 28,19), a animação vocacional constitui o coração da missão.

30. Enfim, a quinta tarefa é a articulação missionária. Precisamos pensar à animação missionária como um jogo de time que entra em campo com uma finalidade, um esquema tático, papéis, regras e funções definidas. O nosso plano de ação precisa ser articulado, comunitário e pontual. Às vezes, os missionários e as missionárias parecem um time de futebol cheio de boa vontade, mas totalmente desarticulado, que entra em campo sem preparo físico e sem saber direito de que lado chutar a bola. As Pontifícias Obras Missionárias e as outras instituições e organizações missionárias precisam ser mais e melhor conhecidas, integrar-se à pastoral missionária das comunidades locais, ter uma atuação efetiva junto às bases.

## Conclusão

31. Até aqui poderíamos ter falado nada de novo. Pois é, coisas que já se sabiam. Na animação missionária não há segredos e essas são as tarefas permanentes a ser cumpridas a partir das nossas comunidades locais. Mas é essencial ter presente três aspectos para que isso aconteça:

- primeiro, o ardor missionário dos presbíteros e dos agentes de pastoral: se a missão é uma questão de coração, a preparação teológica, a espiritualidade e a garra apostólica são de fundamental importância (cf. DA 201);
- segundo, gestos simples e quotidianos: com exceção dos eventos festivos e populares, a animação missionária é feita muito mais de criatividade na catequese, nas liturgias dominicais, nos grupos de oração, nas pastorais, no atendimento paroquial, no estilo apostólico, etc.;
- terceiro, perseverança e acompanhamento: água mole em pedra dura tanto bate até que fura, diz o ditado.

32. Deve ficar claro também, que a dimensão universal da missão é uma dimensão da fé que diz respeito a todos os discípulos missionários. Muitos pensam que a missão além-fronteiras é pegar logo um avião e ir para um outro país. O envio além-fronteiras é somente uma das modalidades para viver a própria vocação à missão universal. Jesus, no entanto, dirige a todos os discípulos e discípulas o chamado ao envio missionário a todos os povos, que será vivido em maneiras diferentes, contextualizadas, mundialmente solidárias através da fé, da caridade e da esperança, na contínua doação pessoal de si junto à Igreja toda.

33. Sem dúvida essa pastoral missionária não poderá ser desvinculada de um longo processo de amadurecimento e de personalização de nossas comunidades locais. Abre-se *ad gentes* uma Igreja que está consciente de sua própria identidade e dos valores que pode entregar aos outros como contribuição própria. Enquanto uma Igreja não atinge esta experiência personalizante de seu próprio ser e dos conteúdos que pode transmitir, delega seu compromisso *ad gentes* à esfera das coisas que se aceitam mas não se vivem.

34. Mas é exatamente por este motivo que não podemos esquecer desse compromisso: sem fazer humildemente memória dele, nunca a Igreja latino-americana chegará a cumpri-lo. E se não cumprir esta evangelização aos outros povos nunca será verdadeiramente Igreja, pois o âmago do Evangelho é um anúncio de um Reino que não têm confins, para todos: não só continental, mas universal.

“A Igreja particular não pode fechar-se em si mesma, mas, como parte viva da Igreja universal, deve abrir-se às necessidades das outras Igrejas. Portanto a sua participação à missão evangelizadora universal não é deixada ao seu arbítrio, mesmo se generoso, mas deve ser considerada como uma lei fundamental de vida; o seu impulso vital diminuiria, com efeito, se ela se fechasse às necessidades das outras Igrejas, concentrando-se unicamente sobre seus próprios problemas” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Notas diretas *Postquam Apostoli*, 14).